O cinema e a construção da cidadania nos coletivos do Projovem: uma experiência de extensão universitária em Campina Grande-PB[1]

Alan Soares BEZERRA[2]
Robéria Nádia Araújo NASCIMENTO[3]
Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB

RESUMO

Este ensaio relata a vivência de um Projeto de Extensão[4] desenvolvido no curso de Comunicação Social da UEPB, que propõe a utilização de produções cinematográficas nadiscussãoda cidadania. O público alvo é constituído de jovens de 15 a 17 anos, pertencentes ao Projovem Urbano, estratégia de inclusão educacional no município de Campina Grande, Paraíba. Na perspectiva metodológica adotada, o cinema torna-se ferramenta pedagógica de percepção crítica possibilitando diálogos com as lições dos filmes exibidosnas suas relações com a realidade social dos participantes. Os resultados são parciais, tendo em vista que o projeto se encontra em andamento, mas já notabilizama favorável interface da comunicação nos espaços educativos apontando a contribuição da extensão universitáriana compreensão da cidadania coletiva.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Educação; Comunicação; Cidadania; Extensão Universitária.

1 Introdução

Interações entre a Universidade e a Sociedade têm sido buscadas há tempos, outrora sem êxito, e muitas vezes com visíveis contribuições dedesenvolvimento. No entanto, defendemos que essa relação precisa, em tempos de globalização de ideias e ações, de mais estreitamento e maior engajamento pelos agentes que a fundamentam: instituição superior, docentes e discentes, concretizando a tríade desejável entre pesquisa, ensino e extensão.

Ainda percebemos uma fissura entre os muros da academia e os portões do mundo "lá fora". A ciência produzindo mais a cada dia e uma parcela significativa da sociedade à

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, doIntercom Júnior – VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

[2] Estudante de Graduação. 6ºsemestre do Curso de Comunicação Social da UEPB. Email: alan.pb@hotmail.com

[3] Orientadora do trabalho e do Projeto mencionado. Professora Titular do Curso de Comunicação Social da UEPB. Doutora em Educação. Email: rnadia@terra.com.br

[4]Intitulado *O cinema nos coletivos do Projovem: modos de ver e aprender cidadania*. DECOM/UEPB/PROEAC-2011/2012, cujo bolsista é Alan Soares Bezerra.

margem do processo de construção do conhecimento científico. Essa distância torna-se improdutiva para ambos os lados. Por um, os degraus alcançados na produção de saberes ficam estabelecidos como barreiras; por outro, a rejeição ao que se chama *novo*emerge como uma autoproteção que distancia a sociedade das conquistas acadêmicas, fragmentando os sujeitos alheios a esse contexto, uma vez que muitos não participam do *vínculo necessário* entre universidade/sociedade,nem o compreendem como essencial para a democratização dos saberes e o avanço na sua qualidade de vida.

Na trilha desse raciocínio, este texto articula nossas impressões sobre a importância da relação acadêmica no espaço social a partir da experiência num projeto de Extensão Universitária que trabalha o cinema na perspectiva da consciência da cidadania, com jovens de 15 a 17 anos inseridos no Programa Projovem do Governo Federal, com unidades em funcionamento nas periferias da cidade de Campina Grande, estado da Paraíba, recorte espacial do caso aqui particularizado.

2. A Extensão Universitária como articuladora de saberes

Na condição de alunos de graduação somos conduzidos, em virtude da falta de experiência e de nossa passividade, a não questionarmos as estruturas que nos são colocadas nos processos educativos, e sim, apenas vivê-las, ou então aparentarmos que vivemos quando, na verdade, simplesmente reproduzimos o conhecimento existente. Quando tratamos dessa questão, não queremos ser críticos na maneira como o sistema educacional das Instituições de Ensino Superior (IES) está alicerçado.Pensamos aqui na dinâmica da teoria e prática e como esta pode ser reconfigurada. Nesse raciocínio, interessa-nos abordar a forma como essa relação é apresentada para os graduandos no cotidiano dos cursos.

Considerando a visão de que a teoria e a prática devem andar juntas, a postura investigativa para a produção do conhecimento não pode ser esquecida, uma vez que a educação superior é construída pelo engajamento *proativo*dos sujeitos que a constituem: docentes e discentes. Daí a necessidade de entendermos que o ensino, a pesquisa e a extensão são ações conjuntas e ferramentas que nos propiciam o avanço da nossa aprendizagemgerando uma efetiva formação acadêmica. Esse posicionamento tem o respaldo de Severino (2007):

> Todo investimento teórico e prático com vistas a uma qualificada formação universitária só encontra sua legitimação no compromisso com uma educação que seja efetivamente uma força emancipatória. Seu compromisso fundamental é com a construção da cidadania, qualidade de vida humana digna (SEVERINO, 2007. P.15).

Ou seja, acreditamos,a partir desse desejo de uma construção cidadã,que a extensão universitária se coloca como desafio e caminho essencial para uma formação satisfatória, uma vez que, por esse mecanismo, tanto o nosso contexto de vida pode ser alterado e/ou modificado como o cenário social que vivenciamos.

Para não cometermos o erro de sermos redundantes e não lançarmos a ideia de material utópico ou surrealista, lembremos do que Severino (2007) nos diz sobre o objetivo do ensino superior e sua tríplice finalidade, para que, a posteriori, adentremos no campo específico da extensão. O autor defende:

> O primeiro objetivo é o da formação de profissionais das diferentes áreas aplicadas, mediante o ensino/aprendizagem de habilidades e competências técnicas; o segundo objetivo é o da formação do cientista mediante a disponibilização dos métodos e conteúdos de conhecimento das diversas especialidades do conhecimento; e o terceiro objetivo é aquele referente à formação do cidadão, pelo estímulo de uma tomada de consciência, por parte do estudante, do sentido de sua existência histórica, pessoal e social (SEVERINO, 2007. P.22).

Podemos atrelar a esse último objetivo o terceiropilar que fundamenta o Ensino Superior: a extensão. O ensino e a pesquisa não constituem isoladamente uma formação cidadã, e as atividadesextensionistasse apresentam como a articulação visível entre ospilares já citados, possibilitando a percepção da educação como um processo pelo qual o conhecimento *"se produz, reproduz, se conserva, se sistematiza, se organiza, se transmite e se universaliza, disseminando seus resultados no seio da sociedade"* (SEVERINO, 2007. P.23).

O autor destaca ainda uma noção que ultrapassa uma mera conceituação temática, porque caracteriza os resultados que esse processo provoca, referindo-se à transformação coletiva através da contribuição do conhecimento produzido (na Universidade) e agora articulado para ser disseminado (na Sociedade). Vejamos como tal processo é explicado:

> A extensão universitária deve ser entendida como o processo que articula o ensino e a pesquisa, enquanto estes interagem conjuntamente, criando um vínculo fecundante entre a Universidade e a sociedade, no sentido de levar a esta a contribuição do conhecimento para sua transformação. Ao mesmo tempo que a extensão, enquanto ligada ao ensino, enriquece o processo pedagógico, ao envolver docentes, alunos e comunidade num movimento comum de aprendizagem, que enriquece o processo

> político ao se relacionar com a pesquisa, dando alcance social à produção do conhecimento (SEVERINO, 2007. P.24).

Esse campo de intervenção social se enriquece quando cada partícipe vivencia com engajamento a sua função, seja o professor-orientador na sua postura investigativa de fazer ciência e motivar o saber pela curiosidade dos alunos, seja a sociedade como receptora do que é produzido na Academia. O discente, ao nosso ver,se beneficia nessa dinâmica, a partir do momento em que utiliza, para a construção do seu saber, as ferramentas que lhes foram disponibilizadas, participa ativamente na sociedade na qual também se insere, além de analisar, a posteriori, os resultados obtidos pelo trabalho desenvolvido, num processo que Severino (2007) irá denominar de construção de uma nova consciência social, numa dimensão própria e insubstituível.

Esse processo, no nosso entender, faz da relação universidade/sociedade umaesfera propícia para aquilo que Morin (2000) considera a formação de uma cabeça *"bem-feita"*. Uma cabeça que, considerando a concepção unilateral da educação, nada tem de conformação ou de moldagem, pois a real missão do didatismo, das propostas pedagógicas, deve ser encorajar o *autodidatismo*, despertando e favorecendo a autonomia dos espíritos dos estudantes. Isso é aprender uma formação cidadã, estimulando a criticidade e a consciência, reformando o que aprendemos errado e exercitando um livre pensar a respeito do espaço social.

Nesse sentido, uma cabeça bem-feita é aquela que *não* acumula saberes, nem reúne informações vazias e descontextualizadas. Significa, de acordo com o pensador francês, desenvolver uma aptidão geral para transformar teoria em prática, para tratar os problemas de modo complementar e indissociável, religando os saberes e lhes conferindo sentido. Através da educação vivenciada na extensão, não empilhamos conhecimentos, mas mobilizamos uma inteligência geral e repensamos o que aprendemos. Quando nos aproximamos da sociedade, praticamos o diálogo da comunicação educativa, tão caro ao pensamento freireano, e "agregamos os saberes científicos aos saberes humanos, minimizando a fragmentação do Ensino Superior, valorizando a condição humana" (MORIN, 2000, p. 35).

3Modos de ver e aprender cidadania: uma vivência no âmbito da extensão universitária

O nosso projeto se insere numa macroproposta de ação extensionistavoltada para o Programa Nacional de Inclusão dos Jovens – Educação, Qualificação e Ação Comunitária – PROJOVEM, que surgiu em 2008 como medida estatal para retirara juventude do trabalho precoce. Ligados as políticas públicas e com enquadramento no Programa da Bolsa Família, os jovens assistidos por essa medida são das classes D e E, moradores de áreas periféricas, desenvolvendo diversas atividades em grupos que busquem possibilitar novos aprendizados. As equipes são conduzidas por coordenadores sociais (facilitadores comunitários), contratados pelos municípios, que conduzem e implementam ações que educam e formam esses jovens para a inclusão na sociedade mediante o combate à ociosidade cotidiana e a promoção de perspectivas de acesso ao mercado profissional. A faixa etária integra jovens carentes de 15 a 17 anos pertencentes a ambos os sexos.

Com a consciência de que as intencionalidades de mudanças paradigmáticas no espaço social por vezes apresentam-se utópicas, uma vez que problemas de natureza estrutural não são resolvidos em curto prazo pelos governantes, propomos algumas ideias de intervenção no município de Campina Grande, visando aqualificação social desses jovens, por intermédio da interação entre a Universidade, Estado – no caso a Prefeitura – e a sociedade. Assim, o texto do programa expõe como objetivo norteador:

> Oportunizar um conjunto de ações interventivas de educação, inclusão digital e utilização dos meios de comunicação no processo de Educomunicação, como instrumentos pedagógicos ao desenvolvimento do protagonismo juvenil entre os jovens do PROJOVEM Adolescente na zona-leste no município de Campina Grande, PB (PROGRAMA PARA PROEAC, P.03).

Com a aprovação dessa proposta pela instituição a qualsomos vinculados, intitulada *Uma proposta pedagógica à qualificação social dos jovens no programa Projovem, como oportunidade à juventude cidadã*, iniciamosnossa trajetória na extensão universitária em agosto de 2011 por um período de dois anos, com término previsto para o mês de julho de 2013. Significa dizer que estamos, no momento presente, na metade das atividades desse ciclo, o que torna este relato apenas uma vivência parcial, embora constitua o prenúncio de um trabalho social prazeroso e produtivo.

É útil salientar que a proposta de trabalho itinerante com o Projovemenvolve, no âmbito da UEPB,*sete* subprojetos reunindo os professores coordenadores e seus respectivos bolsistas. Nestes,as seguintes temáticas são abordadas: *Qualificação social dos jovens, como oportunidade à juventude cidadã; Inclusão digital: educação tecnológica;*

Promovendo educomunicação entre os jovens: uma proposta de comunicação comunitária através do rádio; Literatura de cordel: valorizando a cultura popular e incentivando as práticas de leitura e de escrita; Artes Cênicas em Mídias Audiovisuais: Curso de formação de atores para adolescentes; Fundamentos Éticos para o Meio Ambiente; e o nosso,intitulado *O cinema nos coletivos do Projovem: modos de ver e aprender cidadania.* A região alvo corresponde à zona-leste de Campina Grande que possui dez bairros contemplados pelo programa.

Entre os nossos objetivos elencamos: instigar a percepção de que o cinema, bem como outras linguagens comunicacionais, pode se tornar importante aliado do exercício de construção da cidadania; ampliar o conhecimento intercultural, modificando positivamente as habilidades comunicativas dos integrantes do Projovem; desenvolver competências para trabalhos em equipe e focar na formação de uma *consciência cidadã;* mostrar, mediante discussões coletivas, que o conceito de cidadania pode ser viabilizado concretamente no exercício de interpretação da realidade cotidiana.

Nosso projeto de extensão, que situa o papel do cinema na construção da cidadania, se fundamenta na ótica da Educomunicação (SOARES, 2011), teoria na qual os meios são entendidos não como meros instrumentos tecnológicos de transmissão de informações, mas poderosos recursos de interpretação da realidade. Desse modo, a relação juventude e comunicação pode ser oportuna para que se crie mecanismos de apreensão social e potencialidades de aprendizagem para além dos espaços educativos formais. "Nesse contexto, a comunicação possibilita às novas gerações o acesso ao bem comum e à prática da cidadania. O cinema é linguagem simbólica e, como tal, eficiente ferramenta de negociação de sentidos" (SOARES, 2010, p. 16).

Fausto Neto (2002) também destaca a mídia cinematográfica como eficiente dispositivo anunciador da noção de real uma vez que se torna um lugar social de construção de diferentes realidades. Segundo o autor, o cinema estrutura e se estrutura no espaço público, colhendo as falas engendradas neste espaço e dando-lhes visibilidade a partir dos elementos ficcionais. Nesse sentido, os filmes podem ser compreendidos como aglutinadores de vários campos do saber, através dos quais tais campos adquirem consolidação e legitimidade. Assim, o cinema atua como agente mediador dos processos discursivos sociais.

Nascimento (2005), numa abordagem a respeito de mediações comunicativas nos ambientes pedagógicos, a exemplo de filmes, salienta que os audiovisuais podem se

converter em aliados da aprendizagem, uma vez que transformam informação de entretenimento em conteúdo educacional favorecendo o diálogo e a interação. A sociedade contemporânea, na verdade, atribui aos processos comunicacionais uma expectativa educacional, sobretudo se propiciam a reflexão em torno de problemáticas sociais como a construção da cidadania e a formação da criticidade. "A concepção de educação dialógica permite o entrelaçamento de sujeitos ativos na sua aprendizagem formando interlocutores que buscam juntos a significação, atribuindo sentidos ao que aprendem" (NASCIMENTO, 2005, p. 107).

Para Barreto (2000), a noção de cidadania é essencialmente dialógica e passa necessariamente pelo acesso à informação.Somente através deste mecanismo é que a sociedade pode exercer diversas formas de democratização do conhecimento. "Democratizar a informação não é somente aumentar o acesso. É necessário que os indivíduos tenham condições de elaborar a compreensão do insumo recebido, transformando-o em instrumento libertador de si e da sociedade em que vive" (BARRETO, 2000, p. 5).

Nessa perspectiva, a cidadania transcende os discursos teóricos para fazer parte das abordagens desses jovens, uma vez que se trata de um conceito relacional. A partir do debate e da compreensão das mensagens fílmicas apresentadas, capturam e trazem para suas realidades novos conteúdos informacionais, delineando uma noção aproximada do significado desta categoria no cotidiano de cada um. É aprendendo e interagindo coletivamente que esses jovens "combatem a ignorância e a cegueira social quando vencem o confinamento de conceitos teóricos para vivenciarem seus reais significados" (MORIN, 2000, p. 15).

4Aprender fazendo: atividades desenvolvidas na extensão universitária

Nossos encontros acontecem a cada 15 dias com grupos designados a cada seis meses para a efetivação de um trabalho contínuo e circular que compreende a participação dos docentes e discentes envolvidos na macroproposta universitária. A ideia é que todos os coletivos vivenciem as ações dos subprojetos, engajando-se nas atividades sugeridas por cada um. Na primeira etapa de discussão, os filmes exibidos foram: ***Desafiando Gigantes, Narradores de Javé, Lamúria, Filhos do Paraíso e Cartas para Deus.***

Desenvolvemos a primeira intervenção no coletivo do Projovem do bairro de Nova Brasília, que reunia dois grupos de participantes. Começávamos às 13 horas e seguíamos em média até às 16 horas, dependendo dos debates gerados pelos filmes. Tivemos uma boa frequência nesses dias, o que indica a acolhida positiva do nosso projeto.

Conforme aponta o objetivo geral, a proposta é, a partir da linguagem cinematográfica e de seus componentes lúdicos, favorecer a discussão de temáticas cotidianas que possibilitem entre esses jovens a compreensão do conceito de cidadania. Em razão disso, cada filme teve seu argumento explicado e comentado entre os coletivos a fim de gerar provocações em torno de seu conteúdo. De acordo com Caparelli (2001), o cinema pode ser concebido como um espaço de representação do real apto a mostrar momentos particulares de uma dada conjuntura. Sua linguagem é o retrato das práticas sociais de uma época e suas temáticas se convertem em atos de poder nos quais estão implicados relações a serem desvendadas.

Partindo dessa perspectiva, buscávamos, sempre que possível, conectar as lições dos filmes à realidade de cada participante a fim de que possíveis dúvidas sobre o enredo apresentado fossem minimizadas. Desse modo, contextualizávamos as intenções das mensagens cinematográficas e adequávamos à linguagem de seu cotidiano, traduzindo porventura termos de difícil compreensão para o grupo.

Procuramos, desde o primeiro momento, por meio de uma metodologia construtivista/interacionista, interagir com os conhecimentos que eles já possuíam sobre cidadania, o ser cidadão, o citadino, a vida em sociedade e o trabalho em equipe. Como fundamento desse aporte, exibimos o filme ***Desafiando Gigantes***, mostrando que a visão que alguém possui de si lhe leva à conquista de melhorias no cotidiano, e quando essa maneira positiva de se perceber é agregada com outras pessoas que também entenderam essa virtude, tornam-se presentes a noção de coletividade, de conhecimento e da conquista colaborativa. Por isso, a cidadania, no ponto de vista de Gentilli (1999), possibilita um caminho novo para a vida social, desde que associada à *participação* coletiva. Isto é: não se pode pensar em discutir cidadania *isoladamente*, uma vez que as mudanças significativas só ocorrem quando pensadas e realizadas em conjunto.

O filme exibido expôs justamente uma equipe transformadora de realidades, capaz de vencer um jogo difícil, e também de provocar a mudança do seu contexto de vida. Os protagonistas passaram a agir como cidadãos, sujeitos ativos naquela conjuntura, que difere da noção de citadinos (vistos como passivos), na busca pelos seus direitos e seus deveres.

No decorrer dos encontros, íamos afunilando os temas outrora levemente discorridos nos primeiros momentos. Porém, com diversos filmes que possibilitavam outros itinerários em prol de um olhar desses jovens sobre suas realidades de maneira crítica, questionadora e ativa. Aos poucos, eles foram dialogando e se sentindo menos desconfortáveis com a nossa presença.

Em ***Narradores de Javé,*** discutimos a importância do ato da leitura como ferramenta de inclusão social, pano de fundo para debates sobre educação e analfabetismo; em ***Lamúria,*** viu-se a possibilidade de que, através do desejo de vencer e de um planejamento para tal, sempre é possível realizar nossos sonhos – e aqui tínhamos o respaldo de que esse curta-metragem foi produzido em âmbito local, por alunos do curso de formação de atores do DECOM/UEPB. Assim, para que se aproximassem do contexto de realização do filme e percebessem como essa criação foi possível, convidamos os atores para um momento de interação com os adolescentes do Projovem, que foram à Universidade e conheceram nossa realidade acadêmica, visitando as dependências do curso.

Nesse ambiente, ainda desconhecido para esses jovens, pudemos evidenciar que ser cidadão é algo que se atrela à superação dos obstáculos e que qualquer pessoa é capaz de realizar suas metas, desde quer trabalhe para alcançá-las. Nesse aspecto, recorremos a Santos (2002), quando nos diz que a cidadania colide com a subjetividade, uma vez que cada indivíduo é capaz de criar seus valores de autonomia e liberdade, diminuindo as desigualdades sociais, desde que se movimente nessa direção.

Com a exibição do filme iraquiano ***Filhos do Paraíso,*** trabalhamos a noção de solidariedade em meio à pobreza social.Trata-se de uma comovente história de dois irmãos que vivem a realidade difícil de um país de cultura oriental, mas que, imersos num cotidiano de privações, não perdem os valores familiares e humanos. Cremos que o drama não difere muito da história de vida de muitos frequentadores daquele coletivo, porque, de acordo com o que nos foi relatado, muitos não tinham sequer o que comer quando

voltassem para suas casas, e outros eram filhos de pais dependentes de drogas. Por intermédio dessa discussão, mostramos que os modos de ser, representar, trabalhar, viver, resistir, sonhar são os mesmos em qualquer parte do mundo, independentemente do idioma falado.

No último momento do projeto vivenciado nesse coletivo, o longa exibido foi ***Cartas para Deus***, que conta a história de uma criança portadora de um tipo de câncer raro mas que, no entanto, vivia intensamente cultivando afetos e pensando nos semelhantes bem como no modo de melhorar suas vidas. Com esse ponto de partida, buscamos uma retrospectiva de tudo o que já havia sido trabalhado nos encontros anteriores, além de motivá-los a não verem aquele momento como apenas o fim de mais uma atividade, e sim, como uma oportunidade para vivenciar novas perspectivas, aprender outros valores, sempre relacionando as experiências relatadas com o mundo de cada um e o que seria possível *aprender* diante do conteúdo do filme exibido.

Como fruto do investimento de nosso tempo nessa atividade, ficamos felizes e dispostos para as experiências dos próximos coletivos, pois entendemos que essa intervenção resultou num ambiente social mais criativo composto de adolescentes inspirados, com o desejo renovado de sonhar e conquistar um futuro mais promissor. Uma das participantes, inclusive, revelou que deseja cursar universidade, estudar Comunicação Social, daí a nossa sensação de contribuir, de despertar naqueles jovens a possibilidade de saberes mais significativos ao mesmo tempo em que ressignificávamos a nossa própria aprendizagem nesse trabalho de intervenção comunitária na dura realidade das periferias.

5 Considerações Finais

Diante do exposto, o que estamos realizando como atividade de extensão significa apenas um passo frente à necessidade urgente de (re)ligar universidade e sociedade, fazeres e saberes na direção de uma prática acadêmica mais efetiva, mais humana, capaz de favorecer encontros e visualizar as diferenças dos espaços sociais e daqueles que os constituem.

Trabalhar cidadania, como já foi citado, passa necessariamente pelo viés subjetivista – não há como fugir – no entanto, não é apenas um caso etimológico da palavra ou epistemológico da ciência; "há que se considerar as interfaces, as relações entre os saberes

instituídos e entre aqueles que instituem novas formas de saber nas suas bifurcações e alianças populares" (NASCIMENTO, 2007, p. 67). Adentra no que consideramos macro escalas de circulação de aprendizagens: a família, as políticas públicas alcançadas e vivenciadas, a realidade social, ou seja, a base de sustentação de cada sujeito. Frente a isso, propor para os jovens do projeto a possibilidade de mudança social era a tecla que mais nos detínhamos a cada encontro. Se por um lado não podíamos trabalhar de modo semelhante à organização escolar, realizando cobranças educacionais comuns, uma vez que os alunos já estudam em turno oposto,investimos no lúdico de modo a mostrar que as mudanças também são possíveis na vida real e não apenas nos cenários da ficção.

No momento presente, estamos envoltos no segundo coletivo do macroprojeto que está acontecendo no bairro do José Pinheiro – um dos mais antigos da cidade, conhecido por episódios frequentes de violência. Nesse novo estágio percebemos que a infraestrutura do ginásio onde desenvolvemos a proposta é melhor do que a do primeiro bairro, porém, a receptividade do grupo não tem sido a mesma, o que constitui um desafio e nos chama a atenção para uma abordagem metodológica diferenciada da experiência aqui relatada.

Concluímos com as palavras de Manzini-Covre (1998): "cidadania implica romper com as trevas da alienação, eliminando o homem marcado historicamente, apontando dentro deste homem o ser universal que ele possui. Porque democracia cidadã se constrói nas relações sociais das quais fazemos parte". Nesse sentido, a cidadania mostra-se como um estado ininterrupto de (re/des)construção da realidade cotidiana, considerando-se a dinâmica que o conceito apresenta nas suas relações com outros fluxos, campos e categorias dos conhecimentos e vivências sociais.

5. Referências

BARRETO,Aldo de Albuquerque. **A questão da informação.** São Paulo em Perspectiva. Vol. 8, nº 4, 2000.

CAPARELLI, Sérgio. **Imparcialidade, um mito para esconder mensagens filtradas.** Mimeografado. 2001.

FAUSTO NETO,Antonio. **Comunicação e mídia impressa.** São Paulo: Hackers Editores, 2002.

GENTILLI,Victor. **Cidadania, direitos e informação.** Pauta Geral. Salvador: Ano 1, n° 1, agosto/1999.

MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. Cidadania, cultura e sujeitos. In: **SPINK,** Mary Jane Paris (Org). **A cidadania em construção:** uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1998.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo. **A insustentável leveza das informações visuais nos espaços educativos.** Temas em Educação. V.14, n.1. João Pessoa: UFPB/PPGE, 2005.

_____. **A complexidade como matriz de uma nova ecologia cognitiva.** Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. João Pessoa: 2007.

PROGRAMA PARA PROEAC.**Projeto de Extensão DECOM/UEPB.** Campina Grande: 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice:** o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES,Ismar de Oliveira. **Educomunicação:** o conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo: Paulinas, 2011.